



Bancos centrais montam ação coordenada para socorrer mercado com mais US\$ 247 bilhões

LUCIANO PIRES
E VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

A operação de guerra montada pelos maiores bancos centrais do planeta e os rumores de que o governo americano criará uma agência estatal para assumir créditos podres de bancos que estão à beira da falência tranquilizaram ontem parte dos mercados globais. E os reflexos positivos foram sentidos com mais intensidade no Brasil e nos Estados Unidos. Na Europa e na Ásia, porém, os investidores continuaram à mercê do pessimismo que varre o mundo desde o início da semana. “Felizmente, tivemos um dia de alívio”, disse o economista Clodoir Vieira, da Corretora Souza Barros. “Mas nada garante que esse clima vai continuar. O mercado está mergulhado em incertezas e isso provocará forte oscilações nos preços das ações”, acrescentou.

A Bovespa subiu de forma surpreendente e fechou nos 48.422 pontos, com alta de 5,48% — terceiro melhor resultado do ano. Logo na abertura do pregão, as principais ações dispararam, mas o bom ritmo não se manteve. O dia foi marcado por grande volatilidade e o sobe-desce registrado à tarde trouxe apreensão. Para alívio geral, no fim dos negócios, as ações da Petrobras subiram 8% e as da Vale, 7%, puxadas pela valorização do petróleo e dos minérios, e os papéis do setor siderúrgico e de bancos acabaram acompanhando esse movimento. No mês, porém, a bolsa paulista acumula perdas de 13%. “Ainda teremos dias difíceis pela frente, pois não se sabe aonde a crise vai parar”, afirmou o economista-chefe da RC Consultores, Marcel Pereira, que não descartou a possibilidade de o Ibovespa, o principal índice de lucratividade do mercado, ceder até os 40 mil pontos. Para isso, bastaria

“**AINDA TEREMOS DIAS
DIFÍCEIS PELA FRENTE**”

Marcel Pereira
economista-chefe da
RC Consultores

mais um grande banco americano quebrar, como o Morgan Stanley, por exemplo.

Em Nova York, o índice Dow Jones encerrou em alta de 3,86%. O clima de confiança ganhou impulso depois que o Federal Reserve (o Banco Central americano) e os bancos centrais do Japão, da Europa, do Canadá, da Inglaterra, da Suíça e da Austrália colocaram à disposição dos mercados mais de US\$ 247 bilhões — elevando o total do socorro na semana para US\$ 637 bilhões. A confirmação da maré

azul veio à tarde com as especulações de que os Estados Unidos se preparam para sanear as dívidas com hipotecas imobiliárias, as responsáveis pelo rastro de prejuízos que assola o mundo.

Pela proposta em estudo, o governo americano estaria disposto a fundar uma empresa pública capaz de absorver créditos, seguros e investimentos de alto risco que estão nas mãos do sistema financeiro. Com isso, os bancos se livrariam da ameaça de crise sistêmica (quebradeira em cascata), retomando o fôlego. Tal solução já foi adotada com sucesso no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. À época, os EUA criaram a Resolution Trust Corporation (RTC) para sanear o segmento imobiliário. O colchão podre chegou a US\$ 400 bilhões, sendo que cerca de US\$ 125 bilhões não puderam ser recuperados. Ou seja: o prejuízo acabou sendo amortizado com dinheiro dos contribuintes pelo Tesouro americano.

Em meio a boas e más notícias,

a Europa viveu mais um dia de incertezas. Nem a saída de emergência cogitada pelas autoridades americanas nem a ação conjunta dos BCs foram suficientes para recuperar o ânimo dos investidores no Velho Continente. Os mercados acionários europeus perderam valor e amargaram um dia de queda. O índice FTEurofirst 300, que traduz o humor das principais ações da região, encerrou o pregão em queda de 0,61% — a quarta queda consecutiva. Em Londres, houve alta de 0,66% e em Paris, baixa de 1,06%.

Sob ataque, as bolsas de valores da Rússia tentaram se reerguer ontem, chegando a retomar uma parte dos negócios, mas o movimento especulativo foi tão intenso que, mais uma vez, as autoridades regulatórias se viram obrigadas a interromper o pregão. O presidente russo, Dmitri Medvedev, determinou que o governo dê suporte ao sistema financeiro.